Jerónimo da Mota, um poeta desconhecido

LUÍS DA SILVA PEREIRA *

RESUMO

Reunimos no presente artigo cinco poemas de um escritor pouco conhecido, chamado Jerónimo da Mota. Não consta das Histórias da Literatura porque a sua escassa produção poética ficou inédita e porque não é, realmente, pelo que conhecemos, um poeta de primeira qualidade, embora lhe devamos reconhecer verdadeira inspiração poética e um bom domínio técnico da versificação. Dois deles são apresentados pela primeira vez: uma graciosa e um tanto atrevida décima a uma freira que lhe pediu remédio para os lábios, e um belo soneto ao rio Lima. Dos outros poemas, já foram por nós publicados um romance a Santo António, no suplemento "Cultura" do Diário do Minho de 8.6.2011, e as oitavas à visita que fez a Barcelos o arcebispo de Braga D. João de Sousa, em 1701, também por nós dadas a conhecer igualmente no suplemento cultural do Diário do Minho de 23.5.2012. Decidimos publicar ainda, por ser um poema de difícil acesso, o "Romance ao Leitor" que precede a obra de António Pereira Rego intitulada *Instrução da Cavalaria de Brida,* publicado em Coimbra, na oficina de José Ferreira, impressor da Universidade, em 1679.

Palavras-chave: Jerónimo da Mota, arcebispo D. João de Sousa, Barcelos, poesia barroca.

ABSTRACT

In this paper we have gathered five poems by a little-known writer, named Jerónimo da Mota. He is not included in the History of Literature because his scarce poetic production has become

* Professor aposentado da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UCP - Braga.

unheard of and because, to our knowledge, he is not really a first quality poet, although he should be granted some merit and poetic inspiration, at least according to the hereby presented poems. Two of these are inedited: a graceful and somewhat sassy dizain stanza dedicated to a nun who asked him for some lip medicine, and a beautiful sonnet to the river Lima. Of the other poems identified as belonging to Jerónimo da Mota, we have already published the following: a romance to Santo António, in the supplement Cultura from Diário do Minho, *8.6.2011 newspaper, and the verses dedicated to the visit to Barcelos by the Archbishop of Braga D. João de Sousa, in 1701, also published in the same supplement, 23.5.2012. Because it is a poem of difficult access, we also decided to publish, the "Romance to the Reader" that precedes the work by António Pereira Rego entitled* Instruction of the Cavalry of Brida*, published in Coimbra, by José Ferreira, printer of the University in 1679.*

Keywords: *Jerónimo da Mota, Archbishop D. João de Sousa, Barcelos, Baroque poetry.*

I. BIOGRAFIA

Os elementos biográficos de Jerónimo da Mota até agora conhecidos são escassos. Foram apresentados por Armando Barreiros Malheiro da Silva no excelente estudo que dedicou à *Censura do Tabaco* (pág. 20), também obra de Jerónimo da Mota, publicado na revista Bracara Augusta – Revista Cultural de Regionalismo e História, da Câmara Municipal de Braga, Vol. XXXIX, 1985, nº 87-88 (100--101) e, posteriormente, no ano de 1986, em edição do Arquivo Distrital de Braga /Universidade do Minho. Aí somos informados de que Jerónimo da Mota nasceu em Barcelos, em 1637, sendo filho do licenciado Belchior Lopes da Mota e de sua mulher Maria Vaz. Foi batizado em Barcelos, a 7 de abril de 1637, tendo como padrinhos o licenciado Francisco Pereira e António de Andrade Gama. O casal teve ainda, pelo menos, mais três filhos: João, batizado a 18 de maio de 1625 (casou com Margarida Velha e teve dela Crisóstomo e Felicita); Manuel, batizado a 21 de dezembro de 1630, e Paulo, batizado a 13 de novembro de 1631. Foi abade de Mujães, atualmente freguesia de Viana do Castelo, de 21 de janeiro de 1670 a 12 de novembro de 1709. Morreu em Mujães a 4 de setembro de 1711, como consta do registo do seu falecimento exarado no Livro Misto n.º 2 (Óbitos, fl.49) do Arquivo Distrital de Braga, registo que transcrevemos atualizando a grafia e a pontuação.

Aos quatro dias do mês de setembro do ano de mil setecentos e onze faleceu o Reverendo Abade desta igreja de Santa Maria de

Mujães Jerónimo da Mota. Foi com o Sacramento da Confissão e extrema unção. Fez testamento. Nele declarou deixava sua alma por herdeira e quinhentas missas ditas nesta igreja e que sejam de tenção e três ofícios de vinte padres cada um, e que se daria a cada padre duzentos e cinquenta reis de esmola. Deixou mais um cálix que era seu para a fábrica desta igreja para se fazer um vaso para administração do sagrado viático. E o não recebeu por morrer apressadamente. Foi sepultado à porta principal desta igreja porque assim o deixou no seu testamento, da parte de dentro dela. E por verdade fiz este termo que escrevo e assino do meu nome era ut supra.

O Cura o Padre Bento de Barros

Segundo informação recolhida na Internet (https://geneall.net/pt/forum/168016/barcelos-ascendencia-de-bento-da-rocha-lobo-e-maria-da-silva/), teve, de Serafina Mendes, uma filha chamada Maria da Silva

Colocamos a hipótese de ter feito alguns estudos de medicina. Para eles apontam as reflexões, por vezes bem-humoradas, contidas na *Censura do Tabaco* sobre as suas vantagens e desvantagens para a saúde, bem como a referência a um médico espanhol chamado Nicolas Monardès (1493-1588). Indício dessa possibilidade constitui também a décima que seguidamente apresentamos em que uma freira lhe pede remédio para os lábios feridos.

II. POEMAS

1. Se o fígado vos faz mal. Décima

Esta décima até agora inédita, encontra-se no vol. 5, fol. 40v, que faz parte de um interessante conjunto de volumes manuscritos pertencentes à paróquia de Alvarães, diocese de Viana do Castelo. Jerónimo da Mota responde a uma freira que lhe pedira um remédio para os lábios feridos. Transcrevemo-la, juntamente com a rubrica introdutória, atualizando a grafia e a pontuação e desenvolvendo as abreviaturas:

Décima que fez Jerónimo da Mota Abade de Mujães a uma freira que lhe pediu remédio para os beiços pelos ter molestados do fígado e quase em sangue

Se o fígado vos faz mal
aos beiços, Zabelinha,
aceitai esta mezinha
de um amigo figadal:
tomai uns beiços sem sal,
como os meus que nenhum tem
esfregai como convém
onde mais vos magoar,
e acabando de sarar,
achar-vos-eis muito bem.

O breve poema de dez versos setessilábicos e estrutura rimática própria da décima chamada espinela, assim denominada por ter sido inventada pelo poeta espanhol Vicente Espinel, exemplifica bem o gosto da poesia conceitista barroca dos séculos XVII e XVIII, que, frequentemente, nada mais pretendia do que fazer graça com um pensamento engenhoso, ou com um simples conceito quanto possível original. O quinto verso "tomai uns beiços sem sal" significa sem graça. É isso que fundamentalmente o poeta procura: fazer graça, aproveitando um dito, um pensamento, uma situação concreta.

2. **Tu, claro Lima meu, as águas frias.** Soneto

Este soneto, até agora inédito, encontra-se no manuscrito 367 da Biblioteca Pública de Braga, na página 111. É um bonito soneto ao rio Lima inspirado, a nosso ver, no célebre soneto "Fermosos Tejo meu, quão diferente", atribuído a Francisco Rodrigues Lobo, ou nos muitos que Diogo Bernardes dedicou também ao seu rio inspirador, tais como "Inda agora, outra vez, duros penedos", "Lima, que neste vale murmurando", "Meu pátrio Lima, saudoso e brando", "Deixai, águas do Lima, de correr", entre tantos outros.

Tu, claro Lima meu, as águas frias
Empresta por um pouco às minhas fráguas.
Algum dia te vi mais pobre de águas,
Tu mais rico me viste de alegrias.

Trocaram minha sorte os largos dias,
Roubaram meus pesares muitas mágoas,
Pois se vives das veias que dão águas,
Os olhos sangro e morro das sangrias.

Se a teus cristais chegar a viva neve
Do pé da Lize, dize-lhe entretanto
O muito que esta ausência me maltrata.

Mas é mui larga a dor a um pé tão breve;
Mui poucas águas tens para o meu pranto,
Mui manso corres, e ela foge tanto.

Convirá dizer apenas que "pé tão breve" (verso 12) significa pé tão pequeno. Breve é aqui um cultismo lexical. Chamam-se cultismos as imitações quer do léxico, quer da sintaxe latina. Constituíam uma das marcas do estilo culto.

3. Para que do Autor te informe. Romance

Do mesmo Jerónimo da Mota apresentamos um romance que precede a obra de António Pereira Rego intitulada *Instrução da Cavalaria de Brida. Tratado único dedicado ao insigne mártir S. Jorge… Com um copioso tratado de alveitaria*, publicado na oficina de José Ferreira, impressor da universidade, em 1679. Porque é um poema de não fácil acesso aos leitores, vamos transcrevê-lo, atualizando a grafia e a pontuação.

Para que do Autor te informe
te ofereço, leitor amigo,
poucas flores de um romance
entre as folhas deste livro.

Donde o Lima a Ponte morde
com dentes de cristal fino
povo que não só os cavalos,
mas também enfreia os rios,

António Pereira Rego
nasceu, e desde menino
em vez de cana pueril,
montou os brutos altivos.

De ilustre sangue gerado,
e de ações heroicas filho,
não sei qual seja mais nobre,
o herdado ou adquirido.

Metido já nos estudos,
às letras já prometido,
foi moço de muitas artes,
mas de nenhum artifício.

A natureza oficiosa
o fez de mil prendas rico,
parece que o natural
premiou ao merecido.

Logrou entre os outros dotes,
todos dele mesmo dignos,
uma viril gentileza,
sem escândalos de lindo.

Mas sempre tão absoluto
senhor do seu alvedrio
que, alcançando tantos dotes,
não chegou a ser marido.

Quando a caçar se diverte,
mais por arte que destino,
as aves têm menos penas
do que executa castigos.

Com trombetas, caçadores,
lanças, tiros, cães temidos,
é o flagelo das feras,
quem tem por seguro os riscos.

As manchadas feras busca,
e faz os seus golpes limpos,
nas campanhas por assalto,
nas asperezas por sítio.

Joga as armas com destreza,
e oferecendo alguns partidos
de barato ao seu contrário,
lhe dá caro haver renhido.

Um tempo seguiu da guerra
o perigoso exercício,
quando das veias de prata
correu sangue o nosso Minho.

E levando do terreiro
à campanha o mesmo estilo,
no sério andou tão valente,
quanto airoso no fingido.

O ginete que o respeita
só com natural instinto,
se dá por envergonhado
d' ele o não haver corrido.

Tão dono do irracional
se mostra e mestre tão primo,
que faz do menos azado
bruto, um ligeiro Hipogrifo.

Ao subir de um rude potro,
em cada ensaio lhe sinto
levar a inveja um tormento,
cobrando o potro um aviso.

Quando escaramuças guia
em confusos labirintos
qualquer discurso se perde,
ele somente acha o fio.

Se joga as canas de veras,
se faz o falso conflito,
as canas se tornam lanças
e é canas ver os seus tiros.

Corre à sortilha tão destro
que aquela mesmo imagino
que é a sortilha com que a sorte
sempre o desposou consigo.

Pois vê-lo ao buscar o touro
dentro do arriscado circo,
feridas tão bem logradas,
golpes tão bem sucedidos,

Desde logo se promete
que o mais feroz inimigo,
trazendo a lua por armas,
torne quartos dividido.

Este pois em ócio agora
que é negócio de entendidos
alternando a lança e pena
dois mal conformes ofícios,

Em quarenta anos de idade,
muitos, quando bem vividos,
anda em quaresma de anos,
tem do abril da vida os brios.

Neste tratado te oferece
todo o praticado e lido
dos contendores nas praças,
dos professores nos livros.

Aceita o dom e a vontade
que eu sei que é seu desígnio
não se mostrar cavaleiro,
senão cortesão contigo.

Eterno será seu nome
porque algum dente maligno
gastará pedras lavradas,
mas nunca papeis escritos.

4. Perdoai, sagrado António. Romance.

Este curioso romance já foi por nós publicado no suplemento *Cultura* do Diário do Minho de 8.6.2011. Como diz a rubrica introdutória, foi escrito na ocasião em que o rei D. Pedro II partiu para a

Beira, e se disse que levava a imagem do mesmo santo em sua companhia como soldado.

É um dos muitos poemas que ao santo foram dedicados na época da Guerra da Restauração. Uns viram a luz do dia, mas muitos outros permanecem na penumbra dos arquivos. Aliás, há uma vasta produção poética que tem como tema as batalhas e os intervenientes na Guerra da Restauração, e que permanece também desconhecida. Merecia um estudo sério, não só pelo seu interesse literário, mas também histórico.

O original encontra-se no vol. 5, fol. 163-164, de um conjunto de volumes pertencente à paróquia de Alvarães, como já antes referimos. Desenvolvemos as abreviaturas, atualizámos a pontuação e a grafia, exceto naqueles casos em que ela indica uma realização fonética própria do tempo. Por esse motivo, a mantemos na transcrição.

Assi – assim
Bautizados – baptizados
Enteira – inteira
Hierónimo – Jerónimo
Renunciasteis – renunciastes
Ribricais – rubricais
Vésporas – vésperas

Numerámos ainda as quadras, inumeradas no original, para mais fácil localização das palavras ou dos versos de que daremos breves explicações, para melhor compreensão do poema.

Romance que fez Jerónimo da Mota, abade de Mujães, a S. António na ocasião que Elrei D. Pedro 2.º partiu para a Beira, e se disse levava a imagem do mesmo santo em sua companhia como soldado.

1
Perdoai, sagrado António,
Se tão português vos falo,
Porque com Carlos à porta
Não entendo o castelhano.

2
Senhor, vós fazeis S. Jorge
No Corpus Christi deste ano,
E por meio dos Ingleses
Se desforça aquele santo;

3
Vós de ponto em branco posto,
Cosido de ponto branco,
Que, por mais cuidado que haja,
Vos virão a achar descalço.

4
E atornai a ser crúzio
Que esse portamento estranho
Não é para frei António
Senão para D. Fernando.

5
Se renunciasteis o coro
Dos serafins franciscanos,
De guarda de um paraíso,
Sereis querubim soldado.

6
Com vosso cordão somente
Podereis dar cintaraços
E fugirão quais galinhas
Esses que se chamam Galos.

7
Bem assi como David
Pelo gigante emprazado,
Para tirar-lhe mais vidas
Partiu só com funda e bago,

8
Bastava o bordão de frade
A fazer um grande estrago.
Para que usais de espadilha,
Podendo tomar com basto?

9
Soldado devoto a Cristo
Se nos torna o nosso santo,
E sendo feito ao cilício
Nos quer dar Espanha a saco.

10
Que vos armeis em Lisboa,
Se assim se fez, não me espanto,
Que lá nessa Mouraria
Faríeis como Santiago.

11
Porém, cá, no nosso Minho,
Como foram bautizados
Os Gabachos e Galegos,
Só crisma lhe é necessário.

12
Enfim, que segunda vez,
Sois a Sicília aportado,
E vésporas sicilianas
Sobre o Francês esperamos.

13
Sem camisa, encamisadas
Dai sobre esses temerários,
E dizem que com Saboia
Lhas vão dando os camisatos [sic].

14
Vós disponde as sentinelas
E fazei com que estejamos
Em vigia a noite enteira,
Mas os franceses em quartos.

15
Dareis de quem sois as senhas,
E seja o vosso cuidado
Romper o nome em Filipe
Para dar o nome em Carlos.

16
Sereis um frade de noite
Valente como Bernardo,
Porque para essas façanhas
Já o Carmo não é Carmo.

17
Outra vá de Roncesvales,
Onde não somente Orlando,
Mas todos os Doze Pares
Ficaram mui mal parados.

18
Oh se esse velho francês
Acaba qual Juliano,
E vós, como São Mercúrio,
Ribricais na espada o caso!

19
Bom filho sois de Francisco
Que, para de um mau prelado
Castigar as impiedades,
Pediu o montante a Paulo.

20
E já que Deus a D. Pedro
De Espanha as chaves tem dado,
Que espera [is]? Tomai-lhe as chaves
E abri as portas a Carlos.

O poema refere-se a um episódio da Guerra da Sucessão de Espanha. O nosso D. Pedro II, depois de apoiar Filipe V, tomara o partido do Arquiduque Carlos, aclamado rei de Espanha, em Viena, com o título de Carlos III. O arquiduque Carlos fez de Portugal a base dos seus ataques contra o adversário, Filipe V, neto de Luís XIV de França, indicado por Carlos II, em testamento, para rei de Espanha. Para evitar a união dinástica de França e Espanha, forma-se uma liga entre Áustria, Inglaterra, Portugal e a Holanda. Os generais portugueses e ingleses escolheram a Beira como o melhor

caminho para Carlos III entrar em Espanha. D. Pedro II adiantou-se, atacando Ciudad Rodrigo. É a essa incursão, que se fez a partir de Almeida, em setembro de 1704, que o poema se refere.

A Santo António atribuíam os militares portugueses o êxito das campanhas da anterior Guerra da Restauração. Por causa dessa devoção, D. Pedro II, por alvará régio de 24.1.1668, determinou que o santo fosse alistado como soldado raso no Regimento de Infantaria de Lagos. É, pois, compreensível que o levasse também no seu exército durante a Campanha da Beira da Guerra da Sucessão. Já antes, contudo, como se pode deduzir de um poema de Jerónimo Baía (*Fénis Renascida* I, 367), o rei D. Afonso VI mandara alistar Santo António como soldado, oficializando, de algum modo, a devoção dos militares portugueses ao santo. Ainda hoje, S. António faz parte do exército português com o posto de Coronel, recebendo até o respetivo vencimento.

NOTAS

Estância. 1.

– Com Carlos à porta – É Carlos III, pretendente ao trono espanhol, desembarcado em Lisboa a 9 de março de 1704. O poema deve, assim, datar desse ano. O verso “não entendo o castelhano” pode indiciar que Jerónimo da Mota, como muitos outros portugueses, é simpatizante do partido francês que apoiava Filipe V, como inicialmente sucedeu com D. Pedro II.

Est. 2.

– Vós fazeis S. Jorge / no Corpus Christi deste ano. – S. Jorge atacando o dragão era um dos principais quadros da procissão do Corpo de Deus. S. Jorge era o santo que, desde os tempos de D. Fernando, os soldados portugueses, por influência da Inglaterra, invocavam antes das batalhas, enquanto os castelhanos clamavam por S. Tiago.

– E por meio dos Ingleses – os ingleses, juntamente com os holandeses, faziam parte da aliança favorável a Carlos III.

Est. 3.

- Vós de ponto em branco posto – significa armado da cabeça aos pés. Vestido com todo o aprumo.

Est. 4.

– E atornai a ser crúzio. – Santo António, antes de ingressar na ordem franciscana, foi frade crúzio, dos monges de Santa Cruz ou Cónegos regrantes de Santo Agostinho, em S. Vicente de Fora, onde ingressou em 10 de agosto de 1210. Depois transferiu-se para Santa Cruz de Coimbra.

Est. 5.

– dos serafins franciscanos – S. Francisco de Assis era sempre chamado seráfico.

– De guarda de um paraíso – Chamavam-se paraísos às ordens religiosas.

– Sereis querubim soldado –. Os querubins eram uma ordem de anjos inferiores aos serafins. Sendo S. Francisco de Assis serafim, os monges seriam querubins.

Est. 6.

– Com vosso cordão somente – os franciscanos usavam uma corda com nós para cingir o hábito.

– Cintaraços – castelhanismo que significa golpes de cinto.

– galinhas – Jerónimo Baía usou esta metáfora sarcástica e humilhante das galinhas num poema dedicado ao rei D. Afonso VI quando mandou alistar por soldado a Santo António: “Fazeis que as gentes vizinhas / Quando vêm mais insolentes, / Não choquem como valentes, / Mas choquem como galinhas” (*Fénis Renascida* I, 368).

– Galos – os franceses, apoiantes de Filipe V.

Est. 7

Emprazado – desafiado

Bago – báculo, cajado.

Est. 8

Espadilha – ás de espadas

Basto –ás de paus no jogo do voltarete

Est. 9

Cilício – cordão ou cinto de crina ou de tecido áspero que os monges usavam sobre a pele para se mortificarem.

Saco – aqui tem o sentido de saque. Saco era também um tecido grosseiro e áspero.

Est. 10

O poeta recorda que Santiago era o padroeiro dos exércitos cristãos na luta contra os Mouros.

Est. 11

Gabachos – nome pejorativo que os espanhóis davam aos franceses. Como os gabachos e os galegos eram cristãos, não era preciso matá-los. Bastava dar-lhes a bofetada do crisma.

Est. 12

S. António esteve na Sicília. As vésperas sicilianas designam a matança, pela hora de Vésperas, dos franceses perpetrada pelos sicilianos, em 1282, governados por Carlos I de Anjou, cujos soldados tinham matado algumas mulheres sicilianas.

Est. 13

Encamisadas – ataques noturnos ou ao amanhecer dos soldados que, sobre as armas, vestiam camisas como disfarce.

Est. 14

A noite de vigia dividia-se em quartos. Cada sentinela vigiava um quarto de noite. O poeta joga com o sentido da palavra. Ficarem os franceses em quartos significa fiarem retalhados, mortos.

Est.15.

– O santo e senha eram as palavras secretas combinadas para as sentinelas poderem reconhecer os correligionários.

– Romper o nome, aqui, significa cortar com Filipe V e apoiar Carlos III, cujo nome constituiria a senha.

Est. 16

– Frade de noite – os frades vigiavam e rezavam as horas também durante a noite.

– Valente como um bernardo –. S. Bernardo de Claraval foi o pregador da segunda cruzada. Os monges cistercienses estão intimamente ligados à independência de Portugal. Jerónimo Baía usa a mesma comparação: “Posto que é Frade Francisco, /Brigará como um Bernardo” (*Fénis Renascida* I, pág. 369). Esta nova aproximação ao poema de Baía parece confirmar que Jerónimo da Mota conheceria o poema, senão mesmo o próprio poeta. Podia, contudo aconte-

cer que quer esta comparação quer a metáfora das galinhas já comentada na estância 6 fossem expressões populares correntes que ambos os poetas aproveitaram para os seus poemas. Os poetas barrocos apreciavam muito a fala popular que recolhiam nos seus poemas.

– Já o Carmo não é Carmo – expressão que designa perda de valor, decadência.

Est. 17

– Outra vá de Roncesvales – é necessária outra batalha de Roncesvales onde Orlando e os doze pares foram derrotados pelos Mouros.

Est. 18

Juliano – é o imperador Juliano apóstata, sobrinho de Constantino, que morreu atravessado por uma lança, na batalha de Ctesifonte, na Mesopotâmia. É chamado apóstata porque foi educado no cristianismo, mas depois retomou as crenças pagãs. Segundo uma lenda, terá sido S. Mercúrio que, por ordem de Deus, o matou. A palavra "rubricais" (do latim rubrum – vermelho) relembra que as rubricas, nos antigos manuscritos, se escreviam com tinta vermelha. A tinta vermelha é, pois, metáfora do sangue que tingiria a espada.

Est. 19.

– Pediu o montante a Paulo –. O montante era uma grande espada que se brandia com ambas as mãos. A espada é atributo iconográfico de S. Paulo.

Est. 20

A resolução do problema sucessório estaria nas mãos de D. Pedro II. O poeta joga com o facto de o nosso rei ser homónimo de S. Pedro, cujo atributo iconográfico são as chaves. Recorde-se que as tropas portuguesas, comandadas pelo 4.º marquês das Minas, D. António Luís de Sousa, ocuparam Madrid, em 28 de Junho de 1706, entronizando Carlos III como rei de Espanha.

5. **Sagrado Atlante, a quem o céu confia.** Oitavas

O mais extenso e bem conseguido dos poemas de Jerónimo da Mota, em nossa opinião, são as oitavas épicas cujo tema, como diz

a rubrica introdutória, é a ida de D. João de Sousa, arcebispo de Braga, à então vila de Barcelos para ministrar o sacramento da confirmação. Um poema que tem por tema central um arcebispo de Braga e relata, poeticamente, um acontecimento histórico, que foi a ida do arcebispo a Barcelos para crismar, merece a nossa atenção. Para além da sua real qualidade literária, o poema vem confirmar o que, por outras fontes históricas, se sabe sobre a personalidade humana do prelado bracarense e sobre a sua atividade pastoral, concretamente a sua deslocação a Barcelos. Nessa atividade andou pelo Alto Minho, Monção, Valença do Minho, Paredes de Coura, Ponte de Lima e, depois, em 1701, Esposende, Vila Nova de Famalicão, Barcelos, entre outras localidades. (cfr. António Franquelim Sampaio Neiva Soares, *Relatórios das Visitas Ad Limina da Arquidiocese de Braga (1585-1910)*, Braga, Arquidiocese de Braga, 2015, vol. II, pp. 529-533).

D. João de Sousa foi arcebispo de Braga de 1696 a 1703, mas só entrou solenemente na cidade a 29 de Junho de 1697. Segundo Monsenhor J. Augusto Ferreira, nos *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, Tomo III, p. 207, era filho de Tomé de Sousa, senhor de Gouveia de Riba Tâmega, e de D. Francisca Coutinho e Meneses, dos Condes de Redondo, ascendência da mais alta nobreza de Portugal, como o poema não se esquece de referir nas estâncias 7 e 8. A ele se deve a construção da sacristia da Sé de Braga, junto da qual projetava construir também a Casa do Tesouro, para exposição e guarda das muitas relíquias existentes. Para essa obra já arranjara planta e a verba de 1.4000.000 réis, quantia, entretanto, desviada para a impressão dos Breviários bracarenses, projeto que só chegou a concretizar-se em 1724, já sob o governo de D. Rodrigo de Moura Telles.

Interessou-se igualmente pela construção do novo templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, em Barcelos, que substituísse a primitiva capela, tendo mesmo arranjado três plantas do arquiteto bracarense Manuel Fernandes da Silva, e duas do arquiteto régio João Antunes, que acabou por ser o escolhido. O poema faz referência ao facto na estância 44.

Tinha fama de ser um arcebispo austero, rigoroso e, por vezes, autoritário, infundindo mesmo um certo temor, mas foi também muito generoso, como se pode constatar pelas esmolas, cerca de 2.650.000 réis, que mandou distribuir aquando da sua entrada em Braga (cfr.

Fastos episcopais, pág. 211) e pelo reforço da quantidade de pão diariamente distribuído aos pobres no chamado Celeiro do Micho. D. João de Sousa ordenou que, em vez dos catorze alqueires que diariamente se coziam para se distribuírem pelos mais necessitados, se passassem a cozer trinta alqueires. Essa fama de generosidade confirma-a também o poema nas estâncias 19-20.

Foi ele quem iniciou, em 1701, o processo preliminar para a beatificação de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Texto

Transcrevemos o poema atualizando a grafia e a pontuação. Numeramos as estâncias que se encontram inumeradas no original.

Oitavas ao Ilm.º S.or D. João de Sousa arcebispo Primaz na ocasião que foi crismar à vila de Barcelos no ano de 1701, pelo Abade de St.ª M.ª de Mujães, natural da dita vila.

1
Sagrado Atlante, a quem o céu confia
O grão peso da igreja bracarense;
E a quem de Espanha a antiga primazia,
Vencida a ibera emulação, pertence;
Ouça Vossa Ilustríssima a perfia
Com que se esforça o povo barcelense
A repetir em coplas ressonantes
O que em línguas de fogo exprimiu antes.

2
Ó musa, tu que em meus floridos anos,
Entre as margens do Cávado moravas,
E de Parnaso (impulsos soberanos)
Em doce ou grave rima me inspiravas,
Não negues aos intentos veteranos
A justa parte do que então me davas;
Alto é o assunto e grande voz demanda,
Mas desculpado estou, amor me manda.

3
Era do ano a idade florecente,
E abril curioso em maio transformado,
Com as mais finas cores do oriente
Retocava o que tinha debuxado;
Quando a fama com voo diligente
No muro de Barcino levantado
Novas publica e júbilo derrama,
O bronze anima e os corações inflama.

4
– Barcelos, pátria venturosa e santa, –
Disse, – a quem olha o céu de aspeto trino,
Porque em teus campos reverdece a planta
Sagrada, em que pendeu fruto divino;
Está-me atento, que a notícia tanta
Aplico as vozes do clarim mais fino;
E se o que digo escreves, se me ordena
Que destas asas te conceda a pena.

5
A visitar-te agora se acomoda,
(já lá essa parte oriental se acende)
o Prelado maior de Espanha toda
cujo esplendor a muito mais se estende;
o sol, em quanto observa, em quanto roda,
descobrir outro igual em vão pretende;
a mesma inveja obnubilar não ousa
o claro nome de D. João de Sousa.

6
Quanto o diamante, que ouro puro enlaça,
Resplandece mais sólido e seguro,
Tanto a virtude insigne se abraça
Com o nobre esplendor do sangue puro;
Qual com o muro se assegura a praça,
E sobre a penha está mais firme o muro,
Tal a heroica virtude mais se anima,
Se a estirpe ilustre o seu verdor anima.

7
Se deste grão prelado a origem clara
Pretendes descobrir no seu Oriente,
A mão da natureza, em nada avara,
Lhe deu casa real por ascendente;
Em tantos Sousas ínclitos repara
(que lustres são da Lusitana gente)
E contarás mui poucos semelhantes,
Na guerra fortes, e na paz constantes.

8
Lá se deriva, na materna linha,
Dos Coutinhos, que tanto se extremaram,
E na Ásia, Europa e África vizinha
Dos homens e dos monstros triunfaram;
Porém do ilustre pai dizer convinha,
Em quem tantas virtudes se juntaram,
E teve, usando de Minerva e Marte,
Na redenção do Reino tanta parte.

9
Sobre esta nobre base construída,
Em tão alto fastígio colocada,
Verás a inteira e inculpável vida
De todas as virtudes enformada;
Grande é a dignidade, mas duvida
Quem a chegou a ver tão bem lograda,
Qual recebe ou qual dá mais honra e lustre,
Se a grão pessoa, se o lugar ilustre.

10
Não esperes ver grande companhia,
Ministros e família numerosa;
Por não gravar os povos se desvia
De séquito, e de suma(?) decorosa;
Pouca a família é, porém seria
Mui árduo que se achasse mais copiosa;
Que é sempre raro o bom e, na entidade,
Ao número prefere a qualidade.

11
Nota e verás que de outra comitiva
Acompanhado vem mais relevante,
Que sempre pronta e sempre executiva,
Em parte o segue, em parte vai diante.
Esta é somente a que com ele priva
E dia e noite assiste vigilante.
Oh tempos! Oh costumes mal lograd os!
Esta era a antiga forma de Prelados.

12
Diante dele a estada vai mostrando
Ministro que de fogo me parece,
Que chamas inquietas tremulando,
Qual Matatias ou Fineias se oferece.
Nada promete de suave e brando,
Ora ameaça e ora se entristece.
Rigor lhe chamam; de tal nome apelo;
Não é senão virtude e santo zelo.

13
Quem viu de Pedro a venerável ira
Quando a Malco cortou a surda orelha,
E a matar a Ananias e Safira
Com raios de palavras se aparelha,
De que se queixa agora, que (se) admira,
Ou que rigor co' aquele se assemelha?
Prelado tens que só cabelos corta
E, mais que repreende, ensina e exorta.

14
A religião de vulto mais benigno
Entre os fumos de Arábia se apresenta,
Que os templos e os ornatos do divino
Culto, trazer a melhor forma intenta;
Extirpar erros é o seu destino,
E os danos da ignorância sonolenta.
Olha que a cada passo se te oferece
Quanto o lustre esplendor da Igreja cresce.

15
Ali vem o temor que David canta,
E traz o rosto pálido e mudado;
Mas se a saúde corporal quebranta,
Nos espíritos põe vigor dobrado.
Nenhum perigo nem rigor o espanta,
De muro de diamante anda cercado:
Quem teme a Deus já não tem mais que tema,
Gema o mar, brame o céu e a terra trema.

16
Das irmãs a justiça acompanhada,
Prudência, fortaleza e temperança,
Despediu o rigor da aguda espada,
Só o fiel esgrime da balança;
Traz, sem o estrondo da família armada,
Na milícia celeste a confiança;
Que este é o mais fino do regímen, quando
Se argui e se castiga, perdoando.

17
Da santa comitiva a outra parte
Os vestígios do grão prelado segue;
Não haverá perigo em que se aparte
Nem apertado passo em que se negue.
A caridade que as funções reparte
Faz com que as forças cada qual empregue,
Que esta virtude oficiosa e pura
Dormindo, vela, e sempre em ato dura.

18
Qual fonte fria que, com pés de prata,
Discorre o prado lá no Estio ardente
A tudo quanto toca e quanto trata,
Refrigera e renova docemente;
Tal a beneficência que dilata
Deste Príncipe as graças largamente;
Em quanto encontra, em quanto se lhe oferece,
A uns socorre, a outros enriquece.

19
A compaixão dos pobres o obrigara
A mendigar com eles, se pudera,
Porque o que cerra tanta chave avara
Para que mais lhe desse abrir quisera;
Mas Deus que estima esta virtude clara
Os réditos da Igreja lhe prospera;
E não vê o mundo em quanto o sol descobre
Prelado nem mais rico nem mais pobre.

20
As nuvens de moedas espalhando
Verás a esmola quais milagres obra
Porque segundo vão multiplicando,
Parece que outra vez as mesmas cobra;
Oh santa e nova usura que, doando,
As quantidades não somente dobra,
Mas tendo sempre a mão de prata cheia
Dirás que não despende, antes semeia.

21
Aquele dia nas memórias viva
Em que viu varão tanto a luz primeira,
E da roda do tempo fugitiva
Imóbil pare em meio da carreira;
Este, sim, que da Igreja primitiva
Conserva intacta a forma verdadeira;
E na idade de ferro o grão tesouro
Sabe distribuir em prata e ouro. –

22
Calou; e lá do Oriente discorrendo
Noturna facha em vivo fogo acesa
Confirmava este anúncio reverendo,
E sobre os muros de Barcelos cessa;
Por toda a vizinhança vai correndo
Da fama sacra esta notícia espessa,
E Cávado das urnas onde mora
Arroja as águas das suas margens fora.

23
Mas já da luz a estrela precursora
Trazia as novas do vizinho dia,
E o sol servido de uma e outra hora,
Pontifical de luzes revestia.
Mitra lhe chamou Pérsia, em mitra agora
O diadema de raios convertia;
De repente saltou sobre o Horizonte,
Pouco faltou que as rédeas rompa Etonte.

24
A breve estância de desejos rica
Para hóspede tão grande se prepara,
Que o sol, quando a qualquer lugar se aplica,
Doura e ilustra o hospício aonde para.
Nobreza e povo seu desejo explica,
Em dispêndios e trabalho não repara;
O melhor veste cada qual à prova,
O antigo muro a barbacã renova.

25
Mesopotâmia jaz da nossa Espanha
E de flores e frutos um tesouro
Os montes muram e o Oceano banha;
Ali comprovam que o planeta louro
Sempre de Áries e Tauro se acompanha;
(……)
Benignos ares, temperados dias,
Catervas de homens e de fontes frias.

26
Em meio deste celestial terreno
Barcelos nobre povo está assentado,
De saudável ambiente e sítio ameno,
Em muros breve, em termo dilatado.
Rumor é (nem aprovo nem condeno)
Que de Amílcar Barcino edificado
Foi, quando em nossos campos disputavam
Cartago e Roma o império a que aspiravam.

27
Profundo fosso de água faz à praça
Um rio que, se em ti, Grécia, correra,
Como de Homem e Cávado se amassa,
O Centauro dos rios se dissera.
Depois de milhas seis co' o mar se abraça
Onde o Fano dos deuses dizem que era;
E navegável fora em grande parte
Se a natureza se ajudara da arte.

28
Arrimado a uma penha viva e dura
Um palácio decrépito descansa
Onde a feliz memória se assegura
Do Afonso primeiro de Bragança.
Ali uma torre está cuja estrutura
Tão temerariamente ao céu se avança
Que fulminada de celeste flecha
Para escarmento de outras mostra a brecha.

29
Enquanto os nobres barcelenses voam
Mais do que correm, a ocupar a estrada,
A torre e as muralhas se coroam
Da gente de Vulcano e ferro armada.
As prevenções em toda a parte soam,
Concorre a turba espessa desvelada,
E os olhos na eminência tem defronte,
Onde Ant.º(?) é cidade sobre o monte.

30
Bem como as dez donzelas que, esperando
As bodas, por um pouco descansaram,
Ouvindo a voz festiva que bradando
"Lá vem o esposo" (disse) se alteraram,
Assim as sentinelas que, observando,
A vinda deste esposo divisaram,
As senhas manifestas sinal deram
E os ecos oficiosos responderam.

31
Vozes de fogo em ferro reprimido
Desde a torre a primeira salva of'recem,
Das trombetas e caixas ao ruído
Os outeiros e vales se ensurdecem;
Os ares fende universal bramido,
As muralhas e Alcácer se estremecem.
Soa o Cávado mais que nunca rouco
E as águas retrocedem por um pouco.

32
Todo o burgo que desde a ponte corre
Da milícia da vila prolongada
Provido está, porque se a turba ocorre
Livre lhe deixa a prevenida estrada.
Chegou-se à ponte e repetiu a torre
Outra salva não menos carregada.
Cautela pareceu de ordem mais alta
Que supra um pouco obséquio em que outro falta.

33
Barcelos, tu que por brasão antigo
Tens árvore, capela, torre e ponte,
Desde agora, em teus fastos, eu me obrigo
Que este solene dia se te conte;
Nesta capela dedicada, (digo)
A quem de nosso bem foi pura fonte
O sagrado pastor um pouco para
E o seu solene ingresso se prepara.

34
Veste a sacra dalmática que indica
A estendida e ampla caridade
Com que a cobrir e fomentar se aplica
Dos pobres a cruel necessidade.
Muito adorna, mas muito mortifica
Este peso umeral da dignidade;
É jugo, é carga, é cruz grave e molesta,
Se a caridade um ombro não lhe empresta.

35
Toma na mitra o capacete entanto,
E se arma de um e de outro testamento,
Com que defenda a Igreja e ponha espanto
E terror a inimigo fraudulento;
Mas tal pastor de Ambrósio e Leão santo
E outros alguns imitador atento,
Eu vos prometo, se ocasião se oferece,
Que grão matéria a nova história desse.

36
No bago empunha a misteriosa conta
Que envolve aquela tríplice figura;
Governa o reto, o curvo atrai, e a ponta
Do rebanho afugenta a gente impura.
Mas porque é hora em que já o sol transmonta,
No faldistório pouco espaço dura.
O clero se lhe humilha reverente,
O senado o recebe e a nobre gente.

37
Ao som de hinos procede, a ponte passa,
Que desta vez de prata ser deseja;
A tão santa presença a ponte abraça,
De outros triunfos não a toca a inveja.
Não cessa o estrondo militar na praça,
Com júbilo o recebe aquela igreja;
E a basílica aspira peregrina
A que já foi capela brigantina.

38
Em clara voz indulto se pregoa,
E a bênção lança que, ambiciosos todos,
Recebem, e o comum aplauso soa
Daqueles que o bendizem por mil modos.
Uns lhe dão de prelados a coroa,
Outros lhe aplicam símiles e apodos,
E todos se lhe humilham com decoro,
Qual se anjo fosse do celeste coro.

39
No campo, que em vulgar chamam de feira,
E antes disseram celestial floresta,
Um templo dedicado à cruz primeira,
Se frequenta, de fábrica modesta.
Ali o céu indiciou desta maneira
Que para dar cópia anual se apresta
De cruzes, que por flores desta terra
Também as abre abril e maio as cerra.

40
Naquele tempo cruzes mil plantava
Portugal nas conquistas que fazia.
Cabral de Santa Cruz nome lhe dava,
Albuquerque no mar da Arábia a via;
Nas mais bárbaras terras se adorava,
Nos mais remotos climas se esculpia;
E para transplantar foi necessário
Que se achasse entre nós um seminário.

41
Porém, despois que mágico veneno
Aleto derramou em glória tanta,
E por um pouco de interesse obsceno
O zelo se trocou da empresa santa,
Quase estéril se vê o campo ameno
Que paraíso foi da sacra planta;
Tanto mal introduz a vil cobiça,
Queixosa a religião, lesa a justiça.

42
Aqui breve, mas célebre sacrário
De Cristo a imagem preciosa encerra,
Quando posto em caminho do calvário
Regava em sangue aquela ingrata terra.
Do princípio duvida o rumor vário,
Mas quasi é certo que, de Inglaterra,
Algum Eneias trouxe a carga pia,
Quando ali a fúria luterana ardia.

43
Nenhum Fídias cristão lavrar pudera
Efígie em que se admiram tais primores,
Nem católico Apeles se atrevera
A mover o pincel e dar-lhe as cores,
Tanto na sacra imagem reverbera
A viva cópia das internas dores!
Foi de angélica mão esta escultura,
Ela a livrou do incêndio e pôs segura.

44
Assi se admiram todos da esquisita
Piedade e devoção do grão prelado,
Quando a sagrada cúpula visita,
Que deixa o povo em lágrimas banhado.
Logo um desejo adormecido excita
Que vive entre a pobreza embaraçado
De levantar um templo, e já parece
Que a mão estende quem a planta of'rece.

45
Quanto honrar a Barcelos desejava,
Por que assim manifesto ao mundo seja,
Nos mais solenes atos a puxava
Que contorcidos olhos viu a inveja;
Porém por mais que Amã apregoava
"Assi honra el-rei a quem honrar deseja",
Mardoqueu no triunfo se reporta
De sorte que não deixa a régia Porta.

46
A novos benefícios se prepara
E a celebrar pontifical procede;
E àquela igreja, desde aqui preclara,
Transfere o mais luzido da sua sede.
O templo se dilata; a maior ara
A si mesma naquele dia excede;
De alegria os presentes se banharam
E as mesmas cinzas frias jubilaram.

47
Era o tempo em que a Igreja memorava
De Pentecostes o solene dia,
Quando a impulsos do vento que soava
O monte de Sion se estremecia,
E a família de Cristo assinalava
O Espírito que em línguas se partia;
E nesse dia em rito pontifício
Faz Jacobo o primeiro sacrifício.

48
Qual no solar de preço relevante
Com um fuzil outro fuzil se enlaça,
No ânimo do Príncipe constante
A uma graça sucede a outra graça.
De favor em favor se fez amante,
E a conferir sagradas ordens passa;
E foi mercê que ainda no que soa,
A Barcelos lhe pôs uma coroa.

49
Oh quanta emulação e zelos vejo
Na nobreza daquele antigo povo!
De servir se honram uns, de outros o pejo
De não chegar ao ministério probo.
Este em ato, aquele no desejo
De uns e dos outros o sentido aprovo,
Mas em meio de muitos pretendentes
Favoreceu Fortuna aos diligentes.

50
Despois que a multidão inumerável
O sacro Tau na fronte teve posto
E aquele ânimo sempre infatigável
Ao perpétuo exercício esteve exposto,
Mostrou que o seu desejo insaciável
A demora maior tinha disposto,
Quando se achou Barcelos... quem me obriga
A dizer como? Se ele o sabe, o diga.

51
Que sentes tu, Barcelos? – Não o entendo.
Pois como sentir podes? – Duvidando.
Que te falta? – O que agora estava vendo.
Quem to levou? – Não sei nem quem nem quando.
Por que o não buscas? – Porque eu não pretendo.
Não está perto? – Não, que foi voando.
Declara-te. – Não posso e, na verdade,
Quem definiu jamais a saudade?

52
Não mais, Musa, não mais, que não adverte
O ilustríssimo ouvido ao nosso canto.
Do rebanho os sentidos não diverte,
Esse é o seu cuidado, o seu encanto.
Se algum momento a aliviar-se acerte,
Não poderias tu merecer tanto.
Ao Cávado te torna, se te estima,
Ou a esquecer-te vem comigo ao Lima.

NOTAS

Estância 1. Dedicatória.

– Atlante – ou Atlas era, na mitologia grega, o gigante que sustentava aos ombros o mundo. Por isso se chamam atlantes as estátuas, de pé ou fletidas, que suportam colunas, cornijas, ou outros elementos arquitetónicos.

– Com que se esforça o povo barcelense – o poeta é como que o porta-voz do povo.

– Línguas de fogo – possível referência ao fogo de artifício.

Est. 2. Invocação

– Parnaso – monte onde as Musas habitavam.

Est. 3. Começo da narração.

– Quando a fama – a Fama era uma divindade mensageira de Júpiter. Colocava-se em lugares altos para anunciar as notícias. Nunca se calava. Tinha tantos olhos, ouvidos, bocas e línguas, quantas penas no corpo. Repare-se que as estâncias 4-21, inclusi-

ve, são colocadas na boca dessa divindade. É um modo de dizer que são os poetas que tornam famosas as pessoas e acontecimentos celebrados nos seus versos, tópico literário que já vem da Antiguidade clássica e muito em voga na poesia renascentista e barroca.

– No muro de Barcino levantado – Jerónimo da Mota atribui, ainda que hipoteticamente (cfr. estância 26), a fundação de Barcelos a Amílcar Barcino, ou Barca, general cartaginês, nas lutas que opuseram Roma e Cartago pela conquista da Península.

– O bronze – os canhões.

Est. 4

– a planta sagrada – a cruz.

– notícia tanta – notícia tão importante. Tanto, com este sentido, é um cultismo muito frequente na poesia barroca. Chama-se cultismo à imitação do léxico, da sintaxe ou da temática dos escritores greco-latinos.

Est. 8

– usando de Minerva e Marte – Minerva era a deusa da sabedoria e das artes. Marte era o deus da Guerra. Desenha-se aqui o tópico das armas e das letras.

Est. 9

– Fastígio – cume, sublimidade.

Est. 10

– Família – conjunto de criados, comitiva. O poeta exalta a sobriedade do séquito do arcebispo, criticando veladamente o luxo que se opunha à austeridade dos antigos pastores da Igreja.

Est. 12

– Matatias – pai de Judas Macabeu. Recusou oferecer sacrifícios aos deuses gregos, matando com as próprias mãos um judeu que ia apostatar, bem como um funcionário do rei Antíoco (*I Macabeus* 2, 22-26).

– Fineas – matou um israelita que tinha relações sexuais com uma madianita (*Livro dos Números*, 25).

Est. 13

– Ananias e Safira – marido e mulher. Morreram diante de S. Pedro, depois de ocultarem parte do dinheiro da venda de uma propriedade (*Atos dos Apóstolos* 5, 1-9). Apresentando os exemplos de Matatias, Fineias, Ananias e Safira, assim como de S. Pedro e Malco, o poeta inculca a ideia de que D. João de Sousa era um temperamento austero e disciplinador, embora muito esmoler, como se mostra nas estâncias 18-20.

– Só cabelos corta – alusão à tonsura eclesiástica.

Est. 14

– Fumos da Arábia – fumos do incenso.

Est. 15

– o temor que David canta – temor de Deus, a que se refere o rei David em alguns salmos.

– Gema o mar, brame o céu e a terra trema – verso trimembre, muito ao gosto de alguns poetas barrocos e muito semelhante a um de Jerónimo Baía: "(brame o mar, trema a terra, o Céu se agrave)", do soneto "Mais dura, mais cruel, mais rigorosa". Porque o soneto só foi publicado em 1717, no volume II da *Fénis Renascida*, pp. 347--348, somos levados a suspeitar que Jerónimo da Mota terá tido acesso aos poemas de Baía, originais ou cópias, ou até mesmo conhecido pessoalmente o poeta beneditino que viveu os últimos anos da vida no convento de S. Romão do Neiva, aí falecendo em 1688. S. Romão do Neiva fica muito perto de Mujães.

Est. 16

– despediu o rigor da aguda espada – a Justiça representa-se segurando, numa das mãos, uma espada, e na outra uma balança. O poeta sugere que D. João de Sousa podia ser rigoroso, mas era também um homem justo.

– família armada - séquito de armas.

Est. 21

– Varão tanto – varão tão importante.

– idade de ferro – a época que se seguiu às idades de ouro, prata e bronze. Idade de ouro era o tempo em que, segundo a mitologia, os homens viviam em harmonia e abundância, sob o governo do deus Saturno, depois do qual se seguiu, gradualmente,

a decadência. Idade de ferro é, pois, o tempo da pobreza e da discórdia entre os homens.

Est. 22

– Calou – termina aqui a intervenção da Fama.

– urnas – depósitos, nascentes.

Est. 23

– estrela precursora - a estrela da manhã ou planeta Vénus. Os poetas barrocos apreciavam as perífrases astronómicas.

– Mitra – divindade persa que representa o sol.

– pontifical – capa usada em cerimónias religiosas solenes.

– servido de uma e outra hora – as Horas eram as deusas que presidiam às Estações do ano. Porteiras do céu, tinham também a seu cargo o carro do sol e os cavalos que o puxavam.

– Etonte – nome de um dos cavalos que puxavam o carro do sol.

Est. 24

– Breve – pequena. Cultismo lexical muito frequente na poesia barroca.

– à prova – à compita, em competição.

– barbacã – muro que protegia o fosso de um castelo.

Est. 25

– Mesopotâmia – a província do Minho, porque se situa entre os rios Minho e Douro. Mesopotâmia, significa, etimologicamente, entre rios.

– Planeta louro – o sol. Os antigos chamavam, indistintamente, planetas aos astros.

– Áries e Tauro – constelações de Carneiro e Touro. Supomos que o poeta pretende dizer que o Minho é rico em gado ovino e bovino.

Est. 27

– O Centauro dos rios – o Centauro era, na mitologia grega, um monstro meio cavalo e meio homem, tendo de humano a cabeça, o tronco, os braços e as mãos. O poeta joga com o nome do rio Homem, afluente do Cávado e, possivelmente, com a semelhança fonética entre as palavras Cávado e cavalo. Os poetas barrocos tiravam partido deste jogo de semelhanças fonéticas e de falsas

etimologias. Segundo José Pedro Machado, no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Cávado nada tem a ver com cavalo. É uma metátese da palavra Cádavo, ainda hoje existente na Galiza, e que será de origem celta: cad – batalha e avos ou avu – rio.

– o Fano dos deuses – O topónimo Fão provém do latim "Fanum" que significa lugar sagrado, lugar dos deuses, ou templo.

Est. 28

– Um palácio decrépito – os paços do Duque de Bragança.

- Escarmento – exemplo.

Est. 29

– Da gente de Vulcano – soldados de artilharia. Vulcano era o deus que, na sua forja, fabricava as armas.

– Onde António é cidade sobre o monte – se bem lemos e interpretamos este verso, o poeta poderá referir-se ao convento dos franciscanos no monte da Franqueira.

Est. 30

– Bem como as dez donzelas – comparação com a parábola evangélica das virgens loucas e das virgens prudentes.

Est. 33

Ainda hoje as armas de Barcelos ostentam os mesmos elementos que refere Rafael Bluteau, no vocábulo Barcelos, do seu célebre dicionário: "uma ponte, torre e ermida com um carvalho à porta e por cima, em faxa, três escudos pequenos, dois com as quinas do reino e o do meio com uma aspa, divisa de D. Afonso, primeiro duque de Bragança".

– Pura fonte – Jesus Cristo.

Est. 35

– Ambrósio – Santo Ambrósio (340-397), bispo de Milão, doutor da Igreja e um dos Padres Latinos.

– Leão Santo – São Leão Magno, doutor da Igreja e Papa de 440-461.

Est. 36

– Bago – báculo.

– Faldistório – cadeira episcopal, sem espaldar.

Est. 40

– Seminário – no sentido etimológico "viveiro". Repare-se no verbo plantar do primeiro verso. A árvore é talvez a metáfora mais frequente da cruz.

Est. 41

– Aleto – uma das três Euménides ou Fúrias. Representavam-se com tochas ardentes e serpentes na cabeça.

Est. 42

– Algum Eneias – algum marinheiro. Segundo a tradição, a imagem do Bom Jesus da Cruz de Barcelos terá sido trazida de Inglaterra ou, talvez mais provavelmente, da região de Flandres. Recorde-se que Malines era, no séc. XVI, um dos grandes centros de produção de arte sacra.

Est. 43

– Fídias – famoso escultor grego.

– Apeles – célebre pintor grego.

Est. 44

Foi D. João de Sousa que arranjou três projetos de arquitetura para o novo templo do Bom Jesus da Cruz de Barcelos. Acabou por ser escolhido o do arquiteto régio João Antunes (1643-1712). O novo templo foi construído entre 1705-1710.

Est. 45

– A puxava – o pronome "a" poderá referir-se quer a mão quer a planta da estância anterior.

– Inveja – tinha olhos tortos e sumidos, cor pálida, rosto enrugado, cobras em vez de cabelos, três serpentes numa das mãos e uma hidra de sete cabeças na outra. Uma serpente roía-lhe o peito.

– Assi honra el-rei a quem honrar deseja – proclamação que Amã aconselha ao rei Assuero para honrar um cidadão que Amã julgava ser ele próprio. O rei pretendia, porém, honrar Mardoqueu a quem Amã queria ver enforcado. O episódio conta-se no Livro de Ester (6, 1-12).

– De sorte que não deixa a régia porta – Mardoqueu passou a viver no palácio real.

Est. 47

– Sion – Jerusalém, onde se situava o cenáculo em que os apóstolos se encontravam reunidos quando receberam o Espírito Santo.

Est. 49

– Probo – justo, íntegro, reto.

Est. 50

– sacro Tau – letra do alfabeto grego correspondente ao nosso tê. Pela sua forma, simboliza a cruz.

– Quando se achou Barcelos. O poeta finge não ser capaz de definir as emoções de Barcelos. Por isso é a própria vila que, na oitava dialogada seguinte, diz como se sente.

Est. 52. Epílogo

– Não mais, Musa, não mais – imitação literal de Camões na estância 145 do canto X de *Os Lusíadas*, onde começa o epílogo do poema.

– Não diverte – não afasta.

– ao Lima – Mujães, de que o poeta é abade, pertence a Viana do Castelo, onde desagua o rio Lima. Segundo uma suposta etimologia, Lima designaria o Letes, rio do esquecimento.